

A indignidade de falar pelos outros: o Foucault de Deleuze

The indignity of speaking for others: Deleuze's Foucault

Priscila Céspedes Cupello

<https://orcid.org/0000-0002-2957-5428> - E-mail: cupello.priscila@gmail.com

Marcos Aurelio Marques

<https://orcid.org/0000-0002-3592-5922> - E-mail: ma.ars.marques@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é uma análise acerca do pensamento produzido por Gilles Deleuze (1925-1995) sobre os trabalhos de Michel Foucault (1926-1984), utilizando por base as produções deleuzianas sobre o filósofo, como artigos, entrevistas até o livro intitulado *Foucault* (1986), publicado dois anos após a morte do filósofo. Para embasar a análise empreendemos uma revisão bibliográfica da obra deleuziana, naquilo que tange a obra foucaultiana, desde os primeiros textos escritos a partir da década de 60, até os últimos escritos deleuzianos sobre Foucault, já na década de 80. Nesta análise destacamos a tríade conceitual saber, poder e subjetividade, destacada por Deleuze, e que segundo ele, estruturam e constituem o dispositivo do pensamento Foucaultiano. Defendemos que as produções de Deleuze sobre Foucault produzem um “duplo”, uma “duplicatura” que enriquecem o debate filosófico, já que Deleuze não age como um comentador dos trabalhos foucaultianos, mas inventa seu próprio Foucault.

Palavras-chaves: Ética. Política. Resistência.

ABSTRACT

The aim of this article is to propose an analysis of the thought produced by Gilles Deleuze (1925-1995) on the works of Michel Foucault (1926-1984), using as a base Deleuzian productions about the philosopher, such as articles, interviews and the book entitled *Foucault* (1986),

published two years after the philosopher's death. In this analysis, we highlight the conceptual triad of knowledge, power and subjectivity, highlighted by Deleuze, and which, according to him, structure and constitute the device of Foucauldian thought. We argue that Deleuze's productions concerning Foucault produce a "double", a "duplication" that enriches the philosophical debate, once Deleuze does not act as a commentator on Foucault's works, but invents his own Foucault.

Keywords: Ethics. Politics. Resistance.

Introdução

A ideia fundamental de Foucault é a de uma
dimensão da subjetivação que deriva do poder e do saber,
mas que não depende deles.
(DELEUZE)

Neste artigo almejamos realizar uma análise crítica dos conceitos e noções de Michel Foucault (1926-1984), elencados por Gilles Deleuze (1925-1995) na escrita do livro intitulado *Foucault* (1986) e em cartas e entrevistas sobre o mesmo. Destaca-se a forma muito particular que Deleuze tem ao se relacionar com outros filósofos, pois não age como um comentador, mas produzindo uma "duplicatura", ou seja, criando novas narrativas que duplicam as narrativas existentes, mas criando diferenças, pois são criativas, inventivas. Nessa esteira, Deleuze afirma que quis "extrair um duplo de Foucault, no sentido que ele dava a essa palavra: repetição, duplicatura, retorno do mesmo, rompimento, imperceptível diferença, duplicação e fatal dilaceração" (1992, p. 107). Deleuze convoca aliados para somar, ou seja, para produzir junto com seu pensamento, como fez com Nietzsche (2018a), Bergson (2012), Kant (2018b), etc. Em entrevista publicada no livro *Conversações* (2013), Deleuze afirmou que a escrita do livro *Foucault* dois anos após a morte do filósofo foi uma "necessidade", pois ele tem a impressão de que as pessoas entenderam mal as passagens de Foucault que dizem respeito às relações de saber-poder e os modos de subjetivação. Deleuze salientou que "cada vez que morre um grande pensador, os imbecis sentem-se aliviados e fazem um estardalhaço dos infernos" (1992, p. 106). Deleuze destaca:

Não gosto das pessoas que dizem de uma obra "até aqui, vai, mas depois é ruim, embora mais tarde volte a ser interessante..." É preciso tomar a obra por inteiro, segui-la e não julgá-la, captar suas bifurcações, estagnações, avanços, brechas, aceitá-la, recebê-la inteira (1992, p. 108).

De acordo com François Dosse, Deleuze está interessado em "mostrar a lógica própria" de pensamento foucaultiano "procurando a coerência deste através das crises, dos sobressaltos, dos deslocamentos incessantes que ele atravessa" (2010, p. 267). Para isto, Deleuze elege três dimensões nos trabalhos de Foucault: o saber, poder e subjetivação. Essa tríade é fundamental para entendermos a perspectiva deleuziana sobre o pensamento de Foucault. Ao se indagar sobre o que levou "Foucault a passar de um registro ao outro [da dimensão do saber para o poder], o filósofo sugere que o problema do Foucault é o do duplo, e 'o enunciado é duplo de qualquer coisa idêntica a ele'" (DOSSE, 2010, p. 267). Deleuze seleciona o que em sua visão é o mais relevante nas produções foucaultianas e faz reverberar possibilidades discursivas *outras*.

Há uma série de textos de Deleuze que fazem referência a Foucault, que vão do final da década de 60, até após sua morte. Ao utilizarmos estes textos, não levamos em conta a ordem em que foram publicados originalmente para não recair em possíveis lapsos. Ou porque as edições das obras no Brasil não coincidem à data da edição original na França, ou mesmo ainda, porque muitos dos textos que iremos comentar foram reunidos em coletâneas póstumas. De qualquer forma, há uma intenção de encadear o máximo possível o pensamento deleuziano acerca de Foucault com o objetivo de criar uma espécie de fio de Ariadne que nos guie por essa labiríntica relação.

Deleuze e Foucault: aproximações e distanciamentos

A filosofia como dermatologia geral, ou arte das superfícies
(DELEUZE)

De acordo com François Dosse, “Foucault e Deleuze se libertaram de uma filosofia da história no sentido de uma teleologia hegeliano-marxista para dar lugar a uma filosofia do acontecimento” (2010, p. 265). Destarte, os dois autores têm em comum a busca pelo novo, pela disruptura, pelo descontínuo, produzindo uma “filosofia do acontecimento”, definição apresentada não apenas por Dosse, mas também por Zourabichvili: “o acontecimento, portanto, põe em crise a ideia de história. O que acontece, enquanto acontece e rompe com o passado, não pertence à história e não poderia ser explicado por ela” (2016, p. 48). Em certa medida, esse pensamento nos fez a primeira geração “imune” à uma rígida história da filosofia. Com esses filósofos, podemos criar planos de imanência filosóficos, e pensar *por* e *com* o acontecimento e o devir.

Ao lermos os textos de Deleuze sobre Foucault, é possível perceber uma admiração imensa pelo amigo filósofo, a ponto de dizer em uma carta para Foucault, que ele teria sido, na geração deles, quem teria produzido algo “verdadeiramente novo” (DELEUZE, 2015, p. 68). Nessas cartas, datadas do fim de 1970, e que estão na coletânea organizada por David Lapoujade¹ *Lettres et autres textes* (2016b), Deleuze conversa com o amigo, em tom de muita proximidade, sobre a admissão de Foucault no *Collège de France*, sobre o que seria o tema do seu futuro *Anti-Édipo*: as direções das formas de cura: a edipianização tradicional² e a esquizofrenização³.

Podemos afirmar que uma coisa em comum entre Foucault e Deleuze é que ambos não possuíam “o gosto pelas abstrações, o Uno, o Todo, a Razão, o Sujeito” (DELEUZE, 1992, p. 109). De acordo com Deleuze, a tarefa dos dois era “analisar estados mistos, agenciamentos, aquilo que

¹ Há que se destacar que David Lapoujade, filósofo francês, autor de belíssimos ensaios sobre Deleuze, Bergson e Henry James, ficou com a incumbência de organizar a obra póstuma de Deleuze, o que deu origem a três livros. Além da já citada coletânea, organizou ainda *A ilha deserta* (2006), onde encontra-se a uma entrevista de Deleuze e Foucault juntos, chamada de *Os intelectuais e o poder*, e *Dois regimes de Loucos* (2016a), outra coletânea que reúne textos diversos produzidos nos últimos 20 anos da vida de Deleuze. Nesta última encontramos uma entrevista chamada *Foucault e as prisões*, onde Deleuze destaca, por exemplo, sua admiração pelo GIP e como o grupo serviu de experimentação até *Vigiar e Punir*.

² A referência aqui está ligada à crítica que Deleuze e Guattari fazem, principalmente no *Anti-Édipo*, mas também outras obras, à ideia de um conceito de inconsciente como teatro e como representação do drama do triângulo familiar edipiano e do desejo como falta.

³ A esquizofrenização, que não deve ser confundida com a patologia da esquizofrenia, é justamente uma perspectiva que se opõe à edipianização. Ela concebe o desejo como produção plena, usina e não teatro. Ou seja, ao desejo nada falta: “O inconsciente aparece como aquilo que ele é: uma fábrica” (DELEUZE, 2016a, p. 22). É válido ainda chamar a atenção que enquanto para a edipianização tradicional o drama é familiar, sob a luz da esquizoanálise, ele é antes de tudo social e histórico.

Foucault chamava de dispositivo” (DELEUZE, 1992, p. 109). Eles compreendiam que a filosofia era um instrumento para realizar uma crítica ao presente, muito mais que dizer “a verdade” indubitável sobre as coisas. Segundo afirmação do próprio Michel Foucault, precisamos libertar “a ação política de toda forma de paranoia unitária e totalizante”, preferindo o que é “positivo e múltiplo, a diferença à uniformidade, os fluxos às unidades, os agenciamentos móveis aos sistemas” (1994, p. 135). Nesse sentido, “livrar-se de toda ação política ‘unitária e totalizante’ é livrar-se de uma ‘ação política’ que também é epistemológica e que estabelece de forma dogmática um único modo de se produzir conhecimento e de se fazer pesquisa” (CUPELLO, 2021, p. 20).

A partir de uma perspectiva foucaultiana é preferível o que é nômade, ou dito de outra forma, o que cria abertura para o pensamento da diferença, pois para Foucault, os jogos de saber que produzem a verdade estão implicados aos jogos de poder que subjagam, seja na esfera das lutas políticas ou da produção do conhecimento (CUPELLO, 2021, p. 20).

De acordo com Deleuze, “o método de Foucault sempre se contrapõe aos métodos de interpretação. Jamais interprete, experimente” (1992, p. 109). Sendo assim, o fazer filosófico envolvia uma certa atividade criativa e experimental. No entanto, apesar das proximidades podemos encontrar alguns distanciamentos de Foucault em relação à Deleuze. Destaca-se o “vitalismo deleuziano” contra um neokantismo do diagnóstico foucaultiano. Deleuze defende um certo tipo de vitalismo foucaultiano em uma determinada linha herdeira do pensamento de Nietzsche, que pode ser encontrado nos trabalhos de Foucault sobre subjetivação, resistência e estética da existência, na década de 1980.

Pelo menos em dois pontos essenciais creio que há de fato um vitalismo de Foucault, independente de qualquer “otimismo”. Por um lado, as relações de força se exercem sobre uma linha da vida e de morte que não cessa de se dobrar e de desdobrar, traçando o próprio limite do pensamento. [...] Por outro lado, quando Foucault chega ao tema final da “subjetivação”, esta consiste essencialmente na invenção de novas possibilidades de vida, como diz Nietzsche, na constituição de verdadeiros estilos de vida: dessa vez, um vitalismo sobre fundo estético (DELEUZE, 1992, p. 114).

Deleuze salienta que crê na “existência de muitos pontos de correspondência” entre o seu trabalho com Guattari e o de Foucault, “mas que se mantêm como que à distância por uma grande diferença de método e mesmo de objetivo” (1992, p. 107). Uma grande divergência é a posição de ambos em relação à história. François Dosse destaca que: “sem dúvida, o modo de posicionamento de Foucault e de Deleuze em face da história é muito diferente, como Deleuze afirma sem ambiguidade em 1988 ‘sempre gostamos (Félix e eu) de uma história universal, que ele [Foucault] detestava’” (2010, p. 265). De acordo com Deleuze:

Ele [Foucault] não faz uma história das mentalidades, mas das condições nas quais se manifesta tudo o que tem uma existência mental, os enunciados e o regime de linguagem. Ele não faz uma história dos comportamentos, mas das condições nas quais elas integram relações diferenciais de forças no horizonte de um campo social. Ele não faz história da vida privada, mas das condições nas quais a relação consigo constitui uma vida privada. Ele não faz uma história dos sujeitos, mas dos processos de subjetivação, sob as dobras que ocorrem nesse campo ontológico tanto quanto social (DELEUZE, 2017, p. 12).

Foucault produz uma história específica, que se preocupa com as condições de possibilidades para a emergência do novo. Para Foucault, “a filosofia tem por marca diagnosticar e não procura mais dizer uma verdade que possa valer para todos e por todas as épocas” (1994a,

p. 634). Sendo assim, o método foucaultiano nos permite criar um “espaço entre o presente e o passado e nos recolocar em um lugar outro, em que podemos nos pensar, sob o olhar desta diferença, possibilitando a reflexão de nós mesmos, a partir da alteridade e variedade entre nós e os outros do passado” (CUPELLO, 2021, p. 13).

Uma questão polêmica destacada por François Dosse em seu livro *Gilles Deleuze & Félix Guattari: biografia cruzada* (2010) diz respeito ao prefácio escrito por Foucault para o livro *Anti-Édipo* de Deleuze e Guattari, em que “segundo seu amigo Donzelot, este prefácio não traduziria o verdadeiro sentimento de Foucault quanto ao livro de seu amigo, ‘Foucault não gostou de *O Anti-Édipo*. Ele me disse várias vezes’” (2010, p. 260). Mesmo que essa história seja verdadeira, não podemos negar que o prefácio escrito por Foucault reflete também os posicionamentos que o filósofo defende, principalmente, no que tange a importância de olhar para si mesmo a fim de não reproduzir os fascismos que existem no mundo, ou seja, a importância de não ser um micro fascista. O olhar para o micro é muito presente no pensamento Deleuze e Foucault. Podemos citar a microfísica do poder, a micropolítica do desejo etc. No prefácio do livro escrito por Foucault destaca-se sobre o maior inimigo:

3) Enfim, o inimigo maior, o adversário estratégico (embora a oposição do *Anti-Édipo* a seus outros inimigos constituam mais um engajamento político): o fascismo. E não somente o fascismo histórico de Hitler e de Mussolini - que tão bem souberam mobilizar e utilizar o desejo das massas -, mas o fascismo que está em nós todos, que martela nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora (FOUCAULT, 2004, p. 5).

A força do texto de Foucault, que serve de apresentação à edição americana do *Anti-Édipo*, nos leva inevitavelmente a pensar o oposto do que ele teria declarado a Donzelot. No entanto, é fato que a partir do início dos anos 70, Deleuze e Foucault se afastam, sendo que Deleuze fala desse momento com certo carinho e complacência:

Infelizmente não o vi nos últimos dias de vida; depois de A vontade de saber ele atravessou vários tipos de crises: política, vital, de pensamento. Como todo grande pensador, seu pensamento procedeu sempre por crise e abalos como condição de criação, como condição de uma coerência última. Tive a impressão que ele queria estar só, ir para onde não pudessem segui-lo, exceto alguns íntimos. Eu tinha muito mais necessidade dele do que ele de mim (DELEUZE, 2013, p. 109).

A relação entre os dois passa por um certo silêncio durante a década de 70, até a morte de Foucault em 1984, quando é rompida por Deleuze após a morte do amigo. Deleuze retoma a falar dele com o livro intitulado *Foucault* (2005) e com dois cursos ministrados sobre o pensamento de Michel Foucault na Universidade de Paris. Sendo que o primeiro entre os dias 22 de outubro e 17 de dezembro de 1985 e o segundo de 7 de janeiro a 27 de maio de 1986. Esses cursos foram publicados no Brasil pela editora N-1, sob o título *Michel Foucault: as formações históricas* (2017), a partir da transcrição das fitas das aulas de Deleuze. Além disso, datam dessa época entrevistas e depoimentos diversos, muitos deles citados amiúde no presente artigo.

Apesar das controvérsias que envolvem a relação de ambos, o que podemos deduzir do encontro entre Deleuze e Foucault? Podemos dizer que ambos propõem um olhar de míope, ou seja, daquele que precisa chegar perto para fazer ver os micros, as singularidades, no que tange a experiência do fascismo, do poder, da subjetividade, da produção desejante, etc. O que Deleuze fala do pensamento de Foucault, como algo que lança luminosidade, pode se aplicar a ele próprio quando fala da obra do amigo, uma obra que faz ver, que racha as coisas, que racha

as palavras. Nesse sentido, nos parece que um problema comum de Deleuze e Foucault é a questão em torno do que seja “pensar”.

Pensar é, primeiramente, ver e falar, mas com a condição de que o olho não permaneça nas coisas e se eleve até as “visibilidades”, e de que a linguagem não fique nas palavras ou frases e se leve até os enunciados. É o pensamento como arquivo. Além disso, pensar é poder, isto é, estender relações de força, com a condição de compreender que as relações de força não se reduzem à violência, mas constituem ações sobre ações, ou seja, atos, tais como “incitar, induzir, desviar, facilitar ou dificultar, ampliar ou limitar, tornar mais ou menos provável...” (DELEUZE, 2013, p. 123).

Nesse caso pensar, não é um retorno ao sujeito, ou ao cogito cartesiano, pelo contrário, pensar *em* e *com* Foucault, na perspectiva deleuziana é ver e falar, visibilidades e enunciados. Outro campo que pode ser chamado à baila, quando tratamos do pensamento cruzado desses dois filósofos é a política. Lembremos dos originais conceitos deleuzianos, que em parceria com Guattari, nos são oferecidos: aparelho de estado, máquina de guerra, sociedade de controle, devir revolucionário e outros tantos. Tanto Foucault quanto Deleuze trazem a política para lugares que antes eram vistos sem correlação, como a escola, a família, os relacionamentos etc. De acordo com Deleuze:

O poder investe (os dominados), passa por eles e através deles, apoia-se neles, do mesmo modo que eles, em sua luta contra esse poder, apoiam-se por sua vez em pontos em que ele os afeta Foucault mostrará que o “despotismo do rei” não vai de alto a baixo como um atributo de seu poder transcendente, mas é solicitado pelos mais humildes, pais, vizinhos, colegas que querem que se prenda um ínfimo incitador de desordens e usam o monarca absoluto como um “serviço público” imanente, capaz de regular conflitos familiares, conjugais, de vizinhança ou profissão (2004, p. 37).

Ambos estão interessados em como o poder perpassa diferentes campos sociais e produzem efeitos nos sujeitos. Segundo Deleuze, “o sujeito é uma variável, ou melhor, um conjunto de variáveis do enunciado” (DELEUZE, 2004, p. 64). Nesse sentido, destaca-se a importância dada por Foucault e Deleuze para as relações entre o pensamento do fora, de que trataremos mais à frente, e novos modos outros de existência, destacando-se os trabalhos que refletem sobre a vida como obra de arte, nos trazendo mesmo para uma concepção estética do que seria existir, a partir da criação de novos modos de vidas.

A indignidade de falar pelos outros

Em entrevista publicada no livro *Conversações* (2013), Deleuze destaca que Foucault foi uma pessoa muito importante na sensibilização dos intelectuais franceses acerca da “indignidade de se falar pelos outros” (FOUCAULT, 1985; DELEUZE, 1992). É com esse intuito que Foucault e Daniel Defert criam o GIP – *Groupe d’information sur les Prisons*, apoiados por diversos outros filósofos e intelectuais como o próprio Deleuze, além de Claude Mauriac e Jean Genet. Juntamente com seus amigos, Foucault queria possibilitar que os presos pudessem falar em nome próprio sobre as suas experiências nas prisões. O intelectual não é mais aquele que se propõe a falar em nome de valores universais a verdade que todos devem ouvir, mas ele precisa falar a partir do seu lugar específico na sociedade, de acordo com sua “própria competência” (DELEUZE, 1992, p. 110).

O que significa então falar em seu próprio nome e não pelos outros? Evidentemente não se trata de cada um ter sua hora da verdade, nem escrever suas memórias ou fazer sua psicanálise: não é falar na primeira pessoa do singular. É nomear as potências impessoais, físicas e mentais que enfrentamos e combatemos quando tentamos atingir um objetivo, e só tomamos consciência do objetivo em meio ao combate (1992, p. 111).

Didier Eribon afirma que toda obra de Foucault poderia ser lida como uma “insurreição contra os poderes da ‘normalização’” (1990, p. 12), pois o filósofo queria criticar como o poder organiza, classifica e exclui as pessoas, criando lugares hierarquizados de saberes-poderes, organizando a sociedade entre aquele que fala e quem vira objeto de estudo e é apagado da história. “O diagnóstico do presente realizado pelo trabalho foucaultiano mostra como o discurso médico, por exemplo, constitui-se concomitantemente com o apagamento da fala do doente” (CUPELLO, 2021, p. 32). As práticas do GIP eram contrafluxo. Quem deveria falar não era o intelectual, mas os prisioneiros, suas famílias, as pessoas que realmente sofrem com o problema posto. Ao invés de aceitar o normal da prisão e da delinquência, o grupo queria oferecer armas de insurreição. Era contra o apagamento da fala dos encarcerados que Foucault e o GIP se erguiam, não para falar por eles.

Em outro texto, que está no livro *Dois regimes de loucos* (2016a), Deleuze destaca também a importância que o GIP teve como método de experimentação. A forma como Foucault concebeu, criou e conduziu o GIP, sem dúvida, é uma das ações que mais impressionam Deleuze, como ele atesta em diversos momentos.

O GIP é uma imagem de Foucault, uma invenção Foucault-Defert. É um caso em que a colaboração deles foi íntima e fantástica. Na França, era a primeira vez que se criava esse gênero de grupo, que nada tinha a ver com partido (havia partidos aterrorizantes, do tipo da Esquerda Proletária), nem com uma empresa (por exemplo, as empresas para renovar a psiquiatria). [...] O GIP é quase tão bonito quanto um livro de Foucault. Eu acompanhei do fundo do coração porque aquilo me fascinou (DELEUZE, 2016a, p. 290).

Muito mais que uma ação prática, era um “pensamento-experimentação”, nas palavras de Deleuze (2016a, p. 290). Inegavelmente, o trabalho no GIP é fundamental para levar Foucault a escrever *Vigiar e Punir* (2013). É muito provável que sua experiência no GIP fez com que ele chegasse ao seu conceito de *poder*, como algo difuso, que se sobrepõe, escapa, opera por camadas. Há muitas prisões dentro de uma prisão, espécie de sub-prisões. O problema aí é não apenas privar o delinquente (ou mesmo um acusado de delinquência) da liberdade, mas colocar junto um sistema de humilhações, de condenações injustas, ou seja, o que se enuncia, o código penal e a “justiça”, não é como se operam as visibilidades dos muros para dentro do sistema prisional.

A partir de todas essas experiências, ao se referir a Foucault, Deleuze evoca para ele um outro status da função de intelectual. Segundo ele (2016a, p. 294), a grande diferença entre pensadores como Sartre e Michel Foucault, é que Sartre por exemplo, tinha uma concepção clássica do intelectual, como interventor dos valores superiores, da verdade e da justiça. Foucault era o tipo intelectual funcional, como por exemplo, quando criou o GIP. Esse funcionalismo é ver e dizer: o visível e o enunciável. Com Foucault, o papel e ser do filósofo mudam de status. Um filósofo que produz enunciados a partir das visibilidades das coisas, mas não com a pretensão de criar verdades absolutas, irredutíveis. Pelo contrário, pensar entre Foucault, e porque não também entre Deleuze, é ver a produção como algo que emerge não de forma absoluta e ideal, mas apenas possível, em determinadas épocas, contextos, condições. Não há verdade a ser buscada e descoberta, “mas produzir novas condições de enunciação” (DELEUZE, 2016a, p. 295).

O visível e o enunciável: o saber-poder

É preciso então rachar, abrir as palavras, as frases e as proposições para extrair delas os enunciados (DELEUZE)

Em textos, entrevistas, cartas e cursos dedicados a Foucault, Deleuze elege uma tríade que lhe interessa sobremaneira: saber-poder-subjetividade. Esses três eixos, talvez sejam malditos, porque serviu para a divisão em três fases do pensamento foucaultiano, o que para muitos é problemático, pois sistematiza um autor crítico à noção de sistema, ordem e obra. No entanto, Frédéric Gros destaca que:

O livro de Deleuze é um verdadeiro livro filosófico. Tudo o que enuncia sobre a relação entre os enunciados e as visibilidades mostra que compreendeu alguma coisa muito forte, e que eu reencontrei nos últimos cursos de Foucault no *Collège de France*, mas que Deleuze não pode fazê-lo, a saber, a ideia de que ele constrói uma ética direta procurando estabelecer correspondência entre a trama visível dos gestos e dos *logoi*, dos enunciados. É surpreendente ver como Deleuze, que não teve acesso a esses cursos no *Collège de France*, pode ter feito uma leitura tão correta (GROS *apud* DOSSE, 2010, p. 268).

Vale destacar que Deleuze não considera o saber-poder-subjetividade como fronteiras definitivas, pois possuem entre elas elevado nível de relação. Essas três dimensões são as chaves de análise desenvolvidas por Deleuze para os trabalhos foucaultianos. Deleuze destaca: “até agora, já encontramos três dimensões: as relações formadas, formalizadas sobre os estratos (Saber); as relações de força ao nível do diagrama (Poder) e as relações com o lado de fora, essa relação absoluta, como diz Blanchot, que é também não-relação (Pensamento)” (DELEUZE, 2004, p. 103).

A noção de saber inclui a ideia de poder, bem como a de sujeito inclui modos de subjetivação. “Foucault não emprega a palavra sujeito como pessoa ou forma de identidade, mas os termos ‘subjetivação’, no sentido de processo e ‘si’, no sentido de relação (relação a si)” (DELEUZE, 1992, p. 116). Isso está também ligado ao que Deleuze chama de dispositivo em Foucault:

Mas o que é um dispositivo? Em primeiro lugar, é uma espécie de novelo ou meada, um conjunto multilinear. É composto por linhas de natureza diferente e essas linhas do dispositivo não abarcam nem delimitam sistemas homogêneos por sua própria conta (o objeto, o sujeito, a linguagem), mas seguem direções diferentes, formam processos sempre em desequilíbrio, e essas linhas tanto se aproximam como se afastam uma das outras. Cada está quebrada e submetida a variações de direção (bifurcada, enforquilhada), submetida a derivações. Os objetos visíveis, as enunciações formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como vetores ou tensores (DELEUZE, 2016a, p. 359).

Deleuze vê a obra de Foucault com a noção de unidade e deslocamento. Toda a obra dele Foucault, segundo Deleuze, “é articulada com base na distinção de natureza entre o ver e o falar, entre o visível e o enunciável. Nesse aspecto, é fundamentalmente dualista e desdobra essas duas dimensões irreduzíveis uma à outra” (DOSSE, 2010, p. 267). Em suma, ele destaca a noção de visível e enunciável para falar da ação dupla das práticas discursivas. O enunciado não é uma palavra ou uma frase, mas uma função que produz sentido dentro da cadeia de significantes. Podemos exemplificar isto com o encontro das instituições prisionais com o direito penal. Segundo Deleuze “o sistema carcerário junta numa só figura discursos e arquite-

tura; programas e mecanismos” (DELEUZE, 2004, p. 48). A prisão era o visível da delinquência já o “asilo surgia como um lugar de visibilidade da loucura ao mesmo tempo em que a medicina formulava enunciados fundamentais sobre a ‘desrazão’” (DELEUZE, 2004, p. 57). Segundo Deleuze, Foucault vai produzir um duplo entre aquilo que é visível (prisão e asilo) e os enunciados (o direito penal e a medicina).

Portanto, “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (DELEUZE, 2004, p. 48). Todavia há que considerar sempre uma tensão entre o visível e o enunciável: os dispositivos de poder, que como grande novidade, superam uma teoria do Estado como centro de poder. Além de não operarem ao nível da ideologia nem da repressão, estão ao nível das instituições disciplinares. É a consolidação deste dispositivo que, segundo Deleuze (2016a, p. 127) resolve um dualismo que subsistia entre as formações discursivas e as não discursivas, por exemplo, em *As palavras e as coisas* ou em *A arqueologia do saber*.

É preciso ainda destacar o regime de luz que rege a relação entre o visível e o enunciável, uma luz “que varia de acordo com cada estrato ou cada formação histórica” (DELEUZE, 2016, p. 260). Há nesse caso uma forma de ser da luz, com seus clarões, sombras, incandescência ou arrefecimento. O trabalho nessa perspectiva é um processo de rachar tanto as coisas quanto as palavras para apreender a luz que nelas repousam, um ofício de perceber por entre as cintilações da luz, o que se mostra de enunciável e o que se apresenta como visível.

A subjetivação, o fora e a resistência

Foucault descobre então o elemento que vem de fora, a força.
(DELEUZE)

No livro *Foucault* (2004) de Deleuze, o autor destaca três dimensões de análise que ele seleciona dos trabalhos foucaultianos: “saber, poder e si” que são condições de uma ontologia histórica, não universal e “sendo condições, elas não variam historicamente, mas variam *com* a história” (DELEUZE, 2004, p. 122). Deleuze destaca que a “ideia fundamental de Foucault é a de uma dimensão da subjetivação que deriva do poder e do saber, mas que não depende deles” (2004, p. 109). A dimensão da subjetivação é o que possibilita a abertura para o fora, como um confronto das forças. Sendo assim, o fora não é exterior, mas deriva do devir das forças.

O lado de fora diz respeito à força: se a força está sempre em relação a outras forças, as forças remetem necessariamente a um lado de fora irreduzível, que não tem mais sequer forma, feito de distâncias indecomponíveis através das quais uma força age sobre outra ou recebe ação de outra (DELEUZE, 2004, p. 93).

A dimensão do fora prescinde das relações de saberes-poderes, sendo uma abertura possível para o pensamento outro, ou seja, para a resistência. Desse modo, “as resistências estão necessariamente numa relação direta com o lado de fora, de onde os diagramas vieram. De forma que um campo social mais resiste do que cria estratégias, e o pensamento [do lado de fora] é um pensamento da resistência” (DELEUZE, 2004, p. 91). O fora é um conceito que é produzido nesse encontro Deleuze-Foucault para dar conta de entender as relações de forças que se estabelecem nos diagramas do poder de toda sorte e natureza: “A experiência do fora é um processo de resistência, uma luta da língua menor contra seu modo maior, das tribos contra o Estado, das minorias contra a maioria” (LEVY, 2011, p. 100). Aqui mais uma vez, vemos ser evo-

cada a dimensão política do cruzamento entre o pensamento dos filósofos aqui discutidos. O fora tem uma função de abertura em relação ao devir, é o oposto da identidade, de uma noção de sujeito autocentrado, é “o novo por excelência” (LEVY, 2011, p. 137).

De acordo com Deleuze, “o sujeito é um lugar ou posição que varia muito segundo o tipo, segundo o limiar do enunciado; o próprio ‘autor’ não passa de uma dessas posições possíveis” (DELEUZE, 2004, p. 64). Portanto, é na dimensão da subjetivação que podemos pensar em um eixo que escapa das relações de saberes e poderes e cria outras formas de existências, ou seja, modos de vidas outros.

Como Cupello (2021) apresentou em sua tese de doutorado ao analisar o Sócrates de Michel Foucault, a vida que resiste é aquela que confronta a ordem social existente e que se coloca em risco. Como o Sócrates no tribunal ateniense, que escolheu valer-se da fala franca *parresíastica* ao invés de recorrer à retórica. É justamente no instante em que as forças são confrontadas, que se abre a possibilidade para o surgimento do inesperado, para a emergência do novo, Sócrates escolhe fazer uso da *parresía* no tribunal ateniense, mesmo sabendo que “na democracia a *parresía* é perigosa, não só para a própria cidade como para o indivíduo que tenta exercê-la” (FOUCAULT, 2009, p. 34). Ainda em outras palavras,

O “pensar outramente” anima a obra de Foucault, seguindo três eixos distintos, descobertos sucessivamente: os extratos como formações históricas (arqueologia), o fora com além (estratégia), o dentro como substrato (genealogia). Amiúde, se comprova em marcar os giros e rupturas em sua obra. Mas as mudanças de direção pertencem plenamente ao espaço dessa obra, as rupturas pertencem ao método, nessa construção dos três eixos: criação de novas coordenadas (DELEUZE, 2016a, p. 258).

Pensar outramente poderia ser entendido também como pensar pela diferença. Aqui nos aparece uma outra “divisão” da obra de Foucault: arqueologia, estratégia e a genealogia; as formações históricas, o fora, o dentro. Nestas duas sequências de tríades, a estratégia (ou o não-estratificado), constituem o pensamento do fora e o poder, enquanto relação de forças. A composição entre força e o fora poderia assim ser explicada:

[...] se a força está sempre em entrelaço com outras forças, as forças remetem necessariamente a um Fora irredutível, feito de distâncias indecomponíveis, pelo qual uma força age sobre outra ou é agida por outra. É sempre um fora que uma força confere a outras, ou recebe de outras, a afetação variável que só existe a tal distância ou sob tal entrelaço (DELEUZE, 2016a, p. 267).

É nesse sentido que há sempre um “perpétuo devir das forças” (DELEUZE, 2016a, p. 267) e o fora como uma experiência da resistência e da possibilidade de criação de modos de *vidas outras* se torna possível de ser pensado. O fora vem de dentro, do confronto com as forças já existentes, que quando se chocam abrem novas possibilidades de Estéticas da Existência.

Considerações finais

Nosso artigo buscou analisar a forma como Deleuze selecionou e destacou algumas noções e conceitos dos trabalhos de Foucault, para construir o seu próprio Foucault. O Foucault Deleuziano nasce do encontro desses dois filósofos e enriquecem o debate filosófico. Deleuze produziu um *duplo*, uma *duplicatura* somando às narrativas em torno do pensamento de Michel Foucault. Em sua análise, Deleuze destaca a tríade: *Saber* (formas determinadas), *Poder* (regras coercitivas, morais) e *Subjetividade* (ética, Estéticas, regras facultativas) como pontos importantes que caracterizam a produção foucaultiana.

Vimos que para Deleuze (2016, p. 359), o pensamento de Foucault é apresentado como “uma análise dos ‘dispositivos’ concretos”. Se consideramos que para Foucault o dispositivo são linhas que se entremeiam e máquinas de ver e falar, podemos considerar que Deleuze considera o pensamento foucaultiano como um grande jogo de luzes, que nos faz ver o que ficara obscuro ou apagado em algum momento da história, como os discursos são produzidos e validados segundo determinadas condições, como o jogo saber, poder e subjetividade acontece.

Há, entre Foucault e Deleuze, evidentemente, muitas diferenças. O interessante é que Deleuze gosta do embate, gosta de criar por confronto, e assim, as divergências não impedem um campo fecundo para a criação filosófica. A forma com que enxergam o campo social, a linguagem (talvez pudéssemos dizer que um vê discurso enquanto o outro enxerga enunciado). Além disso, poder, desejo e sujeito são noções distintas em muitos aspectos para ambos. Não foi objetivo deste artigo apontar onde essas linhas se tocam, se atravessam ou se distanciam. Mas procuramos apontar, como em sentido amplo, ambos veem as coisas. Deleuze é um filósofo dos fluxos enquanto Foucault é arquitetural. Embora diferentes, os conceitos se cruzam, porque se a dinâmica social se tenciona pelas linhas de fuga, pela desterritorialização deleuziana, é o poder que tenta bloquear os fluxos e fixar o movimento. O poder age como o contra-veneno dos fluxos sociais, e mesmo quando permite alguma permeabilidade, ela é sempre calculada na medida de uma normalização que a contenha. Por exemplo, quando o mundo se abre aos fluxos do capital financeiro e ao turismo, mas se fecha aos fluxos migratórios de países pobres ou em estado de guerra, para países ricos.

Por fim, é importante não deixar cair no esquecimento um dos ensinamentos destacados por Deleuze, e que Foucault nos ensina, aquele que diz respeito da “indignidade de se falar pelos outros” e do “papel do intelectual”, que é “precisamente o de mostrar perpetuamente como o que parece evidente em nossa vida cotidiana é de fato arbitrário e frágil, e que podemos sempre nos revoltar” (FOUCAULT, 2019, p. 88). Evoca-se aqui o direito e o dever de se falar em primeira pessoa, não na ilusão do sujeito uno e indivisível, mas do discurso enquanto ato criativo e único, como face visível da revolta.

É dentro do cenário da revolta que nos produzimos e produzimos modos, formas, linguagens para escapar de todas as forças que querem normalizar, normatizar, padronizar por atacado, tornando a tudo e todos os produtos embalados, com guias de como usar. A vida impregnada do seu vitalismo, quando permitimos que este flua, força a busca por um fora criando condições próprias e inéditas, para a emergência de novas mentalidades. É a vida criativa que possibilita que outros não falem por nós, e aqui temos mesmo uma intensa ética da criação.

Referências

- CUPELLO, Priscila Céspedes. *O “acontecimento Sócrates”, o escândalo da obediência e os perigos da parresia: perspectivas foucaultianas*. 2021. 170 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.
- DELEUZE, Gilles. *A filosofia crítica de Kant*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018b.
- DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DELEUZE, Gilles. *Dois regimes de loucos*. São Paulo: Editora 34, 2016a.

- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2004.
- DELEUZE, Gilles. *Lettres et autres textes*. Paris: Éditions de minuit, 2016b.
- DELEUZE, Gilles. *Michel Foucault: as formações históricas*. São Paulo: N-1; Edições e Editora Filosófica Politeia, 2017.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. São Paulo: N-1, 2018a.
- DELEUZE, Gilles. Rachar as coisas, Rachar as Palavras. In: *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992. p. 105-117.
- DOSSE, François. Deleuze e Foucault uma amizade filosófica. In: *Gilles Deleuze & Félix Guattari*. Biografia cruzada. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 254-274.
- ERIBON, Didier. *Michel Foucault*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- FOUCAULT, Michel. Entrevista com Michel Foucault realizada por Farès Sassine em agosto de 1979. In: *O enigma da revolta: entrevistas inéditas sobre a Revolução Iraniana*. Tradução de Lorena Balbino. São Paulo: N-1, 2019.
- FOUCAULT, Michel. *Le Courage de la vérité: Le Gouvernement de soi et des autres II*. Cours au Collège de France (1984). Paris: Gallimard, 2009.
- FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder (com G. Deleuze). Tradução de Roberto Machado. In: *Microfísica do Poder*. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 69-78.
- FOUCAULT, Michel. *Por Uma Vida Não-Facista*. Organizado pelo Coletivo Sabotagem, 2004. Disponível em: <http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2015/02/Por-uma-vida-nao-facista.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2022.
- FOUCAULT, Michel. Préface de Michel Foucault à la traduction américaine du livre de Gilles Deleuze et Felix Guattari, *L'Anti-Oedipe: capitalisme et schizophrénie*. In: *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994. T. 3. p. 133-136.
- FOUCAULT, Michel. Qui êtes-vous, professeur Foucault? In: *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994. T. 1. p. 601-620.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- NEGRI, Antonio. *Quando e como eu li Foucault*. São Paulo: Ed. N-1, 2016.
- ZOURABICHVILI, François. *Deleuze: uma filosofia do acontecimento*. São Paulo: Ed. 34, 2016.

Sobre os autores:

Priscila Céspedes Cupello

Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisadora de Pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com Bolsa FAPERJ.

Marcos Aurelio Marques

Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Vice-Diretor Acadêmico da Faculdade Santa Marcelina (SP).

Recebido em: 22/06/2025

Received in: 06/22/2025

Aprovado em: 03/07/2025

Approved in: 07/03/2025